

Lições de natureza em uma história em quadrinhos

Bruna Jamila de Castro¹
Moisés Alves de Oliveira²

RESUMO

A natureza, na atualidade, figura como espaço de preocupação coletiva, a ser preservado contra a destruição e/ou exploração. Neste trabalho, destacamos a produção de natureza presente nas histórias em quadrinhos (HQ's) do Papa-Capim (Maurício de Sousa Produções LTDA). Foram analisadas 38 histórias publicadas entre os anos de 2007 a 2012. Apoiados no pensamento de Bruno Latour, no que se refere ao debate acerca da natureza, realizamos uma análise cultural de inspiração discursiva e semiológica, buscando discutir alguns significados da relação homem-natureza validados nestas HQ's. A análise mostrou que, através dos personagens destas histórias, se reafirma para os indígenas a posição de protetores da natureza, com uma consciência ecológica racionalizada e exteriorizada, tipicamente ocidental.

Palavras-chave: natureza, histórias em quadrinhos, papa-capim; pedagogias culturais

LESSONS OF NATURE IN A COMICS

ABSTRACT

Nature is presently characterized as a space of collective concern that must be preserved against the destruction and / or exploitation. In this paper, I intend to highlight the way nature is represented in the comics Papa-capim, by Mauricio de Sousa Productions LTD. 38 stories published between the years 2007 and 2012 were analyzed. Based on the theories of Bruno Latour regarding the debate about nature, we conducted a cultural analysis of discursive and semiotic inspiration, intending to discuss various meanings of the man-nature relationship that are validated in these comics. Through the analysis it was possible to conclude that the characters of these stories reaffirm the position of Brazilian Indians as the guardians of nature, endowed with a streamlined and externalized environmental awareness, which is typically western minded.

Keywords: nature, comics, papa-capim, cultural pedagogies

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Paraná, Brasil. brunajamila@gmail.com

² Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Campus Universitário, Cx. Postal 6001, Londrina, Paraná, Brasil. CEP 86051 990. moises@uel.br

INTRODUÇÃO

A natureza na atualidade funciona como uma preocupação coletiva, que passou a ser aceita e amplamente manifestada nas sociedades ditas ocidentais, ensinada nas pedagogias culturais das instituições “formais” e “não formais” como *locus* a ser preservado contra a destruição e/ou exploração do homem branco (MALDONADO, 2000). Nunca foi tão intenso esse interesse pelos valores éticos, políticos e existenciais para com a natureza, e também nunca tão extenso, uma vez que com o aumento exponencial das tecnologias estas preocupações atingiram praticamente todas as instâncias das nossas vidas. A temática ambiental, como argumenta Latour (2004), aparenta ter virado moda.

Este panorama tem nos convidado a prestar atenção em algumas destas representações, em especial as trazidas por produtos culturais que se apresentam como inocentes e despreziosos, como as Histórias em Quadrinhos do Papa-Capim. O aspecto principal que nos motivou a escolhê-las como objeto de estudo foi a constatação – como consumidores – de que elas são repletas de enredos que com lições a respeito de natureza, ou seja, são repletas de representações que significam e produzem ao mesmo tempo *a* natureza.

Nestas histórias os indígenas – Papa-Capim e seus amigos - são amantes *da* natureza e seus guardiões. Constantemente eles assumem o papel de militantes ecológicos, utilizam-se de um tom de denúncia, para acusar, via de regra, o homem branco de poluir, caçar, maltratar e explorar *a* natureza, com uma ética moralista própria de um movimento ambiental, como se fosse comum ao índio esta natureza exteriorizada, característica do pensamento ocidental (LATOURE, 2004). Discutiremos, neste sentido, que estas HQs estão produzindo/instituindo uma determinada forma de fazer educação ambiental, uma forma moderna, que se vale das personagens das historinhas como especialistas no assunto ecológico, o que os permite se autodenominarem capazes de nos alfabetizar a respeito. Parte-se do “princípio de que o sendo detentora de uma fatia de 86% do mercado brasileiro” (LIMA, 2011). Ao todo ela teria colocado em circulação uma tiragem de mais de um bilhão de HQs, publicadas em 120 países. Seus principais títulos tem uma tiragem mensal de cerca de 200, 300 mil exemplares, sendo que a Turma da Mônica Jovem atinge até 600 mil (SOUSA, 2010). Esses dados nos dão uma noção da amplitude do endereçamento destes produtos culturais, do número altíssimo de pessoas que consomem estas historinhas. O motivo do sucesso, segundo seu fundador, Mauricio de Sousa, seria a qualidade das HQs, que além de divertirem, tem o intuito de deixar uma mensagem para as crianças (SOUSA, 2003). Elas

transmitiriam “verdades” e “bons exemplos”, valores e habilidades tidos como “adequados” para o desenvolvimento infantil. Um compromisso social assumido pela MSP.

A intencionalidade de exercer um papel educativo é tanto, que para atribuir aos enredos das HQ um valor pedagógico maior, vale-se inclusive de temas do currículo escolar:

Tenho a preocupação de colocar alguma coisa do currículo escolar nas histórias, mas não posso por uma lição. Não pode haver uma Turma da Mônica professoral. Aqui no Instituto Cultural nós temos uma pedagoga [...], que conhece tudo do currículo. Ela me ajuda com os temas que estão em evidência e eu converso com nossos roteiristas. “Vamos fazer uma historinha no meio de uma história. Escreva uma aventura, uma viagem a Marte ou qualquer coisa assim e põe no meio alguma coisa ecológica, uma preocupação com o meio ambiente, uma interação entre os povos.” [...] A nossa produção é permeada por informações que são usadas na escola. [...] Enfim, você pode colocar, tranquilamente, formação, informação e ética nas histórias em quadrinhos sem que ninguém perceba (SOUSA, 2010, grifo nosso).

Neste sentido, tal como a escola, a MSP exerce o controle sobre as condições de produção de conhecimento, mas certamente de modo mais eficiente e interessante que esta, visto que penetram em diversas áreas da vida cotidiana e de forma alegre e dinâmica (GIROUX, 2009). E é aí que mora o perigo, pois por terem impregnados a sua imagem a inocência e bondade, seus discursos são aceitos como legítimos e idôneos e, portanto, inquestionáveis e podem ser utilizados livremente para ensinar em qualquer espaço social.

Cabe marcar também que ao tratar de assuntos como respeito ao próximo, honestidade, persistência, tolerância á diversidade, alimentação saudável, prática de exercícios físicos, defesa e proteção do meio ambiente e outros, a MSP age interessadamente, pois é desta forma que ela ganha fama de “boazinha” e conseqüentemente seus produtos também, ou seja, é uma estratégia comercial. Algumas pesquisas tem apontado para a mesma direção, Steinberg e Kincheloe (2004), Kincheloe (2001), Giroux (2003; 2009), Wortmann, Ripoll e Possamai (2012), analisaram grandes corporações como o McDonalds, Disney, Discovery Kids e chegaram a conclusão de que estas empresas criaram currículos culturais eminentemente comerciais, que operam tendo em vista o lucro e não o bem social, como pregam. Elas empenham-se através de incansáveis esforços para promover a imagem de bondosas,

inocentes, paternais e preocupadas com os princípios morais da sociedade, mas estariam agindo propositalmente, para ganhar prestígio frente seus consumidores (GIROUX, 2009).

A seguir abordamos mais um compromisso da MSP para com da vida pública, um que particularmente nos interessa para este texto.

A MSP E SEU “COMPROMETIMENTO” COM A NATUREZA

Nosso objeto de estudo, as HQs do Papa-Capim, são repletas de problemáticas ambientais contemporâneas. Seu personagem principal, o Papa-Capim, é um menino de etnia indígena, extremamente comprometido com a proteção do meio onde vive. As aventuras vivenciadas pelas personagens se passam em um ambiente de floresta, longe da civilização, onde os costumes e tradições podem ser preservados e fora do alcance da corrupção do homem branco. Na aldeia eles moram em ocas e retiram tudo que precisam para sua sobrevivência da mata exuberante que os cerca, assim, a vida indígena insistentemente é apresentada como perfeitamente integrada a natureza. É interessante registrar que comumente os enredos das histórias estão relacionados a problemas ambientais, eles ocorrem nos arredores da aldeia e geralmente são desencadeadas pelas ações do homem branco. Assim, almeja-se, na maioria das historinhas, passar uma lição de moral, a fim de “moldar” sujeitos ecológicos.

As HQs do Papa-Capim, vista por esta concepção, serviriam para ensinar quais ações devem ser tomadas frente a natureza, ensinar o que é “errado” e o que é “certo”, buscando regular a vida individual e coletiva. Por meio de seus textos e imagens, estariam sendo produzidos significados que definem o que é natureza e como devemos trata-la. Não podemos perder de vista que a MSP aborda os temas verdes como uma estratégia, adotar uma posição de “ecologicamente corretos” é uma forma de vender produtos, afinal, é preciso cativar seu público leitor, a criançada “atenada” com a onda verde. Conforme Steinberg e Kincheloe (2004, p. 15), “A associação de tais corporações com os discursos ecológicos e ambientalistas é, na verdade, apenas mais uma estratégia de fabricação e de captura de consumidores supostamente responsáveis” (grifo do autor). Alegamos, assim, que o discurso ecológico proferidos nas HQs, precisam ser pensado como importantes produtores de um modelo desejado de educação ambiental, que está relacionado com questões também comerciais.

ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Foram analisadas 38 HQs do Papa-Capim, publicadas nas revistas mensais do Chico Bento³, selecionamos edições publicadas entre o período de 2007 e 2012, constituindo ao todo mais de cinco anos de publicações. Escolhemos analisar as edições mais recentes, porque nosso intuito, dentre outros, é problematizar, na atualidade, as noções de natureza ensinadas para crianças e jovens fora dos muros escolares.

Realizamos as análises das HQs assumindo perspectivas críticas pós-estruturalistas e pós-modernistas, estas abordagens tem nos influenciado a prestar atenção a algumas peculiaridades que envolvem a Educação, como: pensar o pedagógico como não contido nas instâncias escolares, permeando uma multiplicidade de instâncias, como a TV, a internet, as HQs, os desenhos animados, os livros de ficção, os filmes, a publicidades e tantos outros, que ampliam a concepção de pedagogia e estão atrelados a determinantes sociais e culturais que se mostram muitas vezes naturalizadas (STEINBERG e KINCHELOE, 2001; GIROUX, 2003; HALL, 1997, WORTMANN, 2001, 2007; dentre outros).

Outro ponto que nos instiga nesta perspectiva é o destaque que dão à representação. Por um ponto de vista construcionista ela é adotada como “produção de significados através da linguagem” (HALL, 1997, p.16). Sendo, na perspectiva pós-estruturalista, a linguagem o meio com o qual produzimos ao mesmo tempo os significados e as coisas. O significado é resultado não de algo externo, da natureza, mas das nossas convenções sociais, culturais e linguísticas, portanto, ele é construído/produzido. Neste sentido, “os significados não permanecem intactos em sua passagem pela representação [...], [ele] está sempre sendo negociado e inflectido nas práticas sociais para ressoar novas situações” (p. 25).

Para explorar estas relações entre linguagem, representação, produção de significados nos discursos das HQs valemo-nos de incursões a teorizações de muitas áreas do conhecimento. Neste sentido, pode-se dizer que em suma fizemos uma bricolagem, pois nos inspiramos na análise discursiva, mas não somente nesta. Conforme Kincheloe (2007) a bricolagem rejeita roteiros

³ As HQs do Papa-Capim também podem ser encontradas esporadicamente em Almanques de outras personagens da Turma da Mônica e em edições especiais, constituindo-se como uma obra extensa. Seria inviável abordá-la em sua amplitude, deste modo, optamos por um recorte prévio, em que analisamos apenas as edições publicadas nas revistas do Chico Bento.

preexistentes ou elaborados a priori, requer ou até mesmo gera os processos de investigação conforme surgem as demandas. “A bricolagem permite que as circunstâncias deem forma aos métodos empregados” (NEIRA e LIPPI, 2012, grifo nosso). Neste sentido, não partimos de uma análise cultural, e sim chegamos a ela no decorrer da pesquisa, através de uma série de reflexões a respeito. Da análise discursiva, em especial as de inspiração em Michel Foucault, buscou-se extrair o modo como se atenta para o discurso, como o discurso constrói versões do mundo social e natural e posiciona os indivíduos nas relações de poder. Neste sentido, passamos a ver as HQs do Papa-Capim, como uma forma contemporânea do governo de nossa subjetividade.

Apoiados ainda no pensamento do filósofo Bruno Latour, no que se refere ao debate acerca da natureza, buscamos analisar a representação de natureza nas HQs, tomando-a como um arsenal moderno, como uma rede de significações que visa conservar a natureza como uma unidade - com a função de limitar, de reformar, de iluminar a vida pública -, um artifício político (LATOUR, 2004), “[...] que nega a complexidade com a qual são constituídas as relações ecológicas, nas quais se pode buscar permutas de interesses capazes de mobilizar a EA [Educação Ambiental], segundo múltiplos interesses” (OLIVEIRA, 2005, p.83).

A seguir, trazemos a análise de uma das edições que compõem o nosso corpus de pesquisa. Selecionamos esta historinha porque ela representa bem as lições de natureza desta HQ.

AS LIÇÕES DE NATUREZA DO PAPA-CAPIM

Iniciamos nossa análise adiantando uma observação geral, em todas as edições da HQ do Papa-Capim que compõem o nosso corpus os indígenas assumem a posição de modernos. Eles são representados como uma sociedade que se preocupada com a natureza, que possuem um “amor” por esta. Mas como argumenta antropólogo francês Philippe Descola (2011), a maior parte das civilizações não conhecem ou não têm necessidade da noção de natureza, esta noção só veio a emergir no século XVII como um meio de definir a matéria, as leis do universo e um certo vazamento das atividades políticas nas sociedades ocidentais – ou seja, com o advento da modernidade. As culturas não ocidentais não estão ou jamais estiveram interessadas pela natureza, elas não a utilizaram jamais como categoria, elas jamais encontraram seu uso, elas simplesmente a ignoram, ou seja, elas não a concebem como os ocidentais – exteriorizada e racionalizada (LATOUR, 2004).

Para justificar melhor esse argumento, trazemos o exemplo da edição n.º62, denominada “Estilingue”, nela Papa-Capim e seu amigo Cafuné observam de longe e atenciosamente, de traz de um arbusto – com olhos arregalados de espanto - um caiçara⁴ de expressão maliciosa e trapaceira, que de dentro de uma rede, amarrada a sombra de árvores, aparentemente se diverte ao atirar pedras em animais com seu estilingue. Após a agressão contra vários animais, os índios revoltam-se contra o homem. Eles assumem o papel de protetores e se vingam em nome dos animais, lançando o caiçara para bem longe dali através de um estilingue feito com a rede onde este repousava. A história encerra-se com os índios em primeiro plano na cena, com aparência de bravo, Papa-Capim posiciona-se com mão em punho, aquela do sujeito aguerrido, convicto de que fez a coisa certa, daquele que, como diz Latour (2002) acerca da pretensão dos modernos, sabe sua posição frente a natureza, Cafuné também resoluto, aparece lavando as mãos para ignorância do caiçara - que não tem saber algum sobre a natureza e põs em risco sua harmonia.

A educação ambiental aplicada nesta história visa, a partir deste enfoque, incutir as atitudes pelas quais poderíamos alcançar um desejado estado de equilíbrio e harmonia com a natureza, equilíbrio esse representado como constitutivo das relações ecológicas dos indígenas, mas das quais o homem branco, convertido em selvagem, estaria desconectado. Desta forma, as atitudes dos indiozinhos são tomadas como uma verdade metafísica, que é concebida como natural (boa), enquanto o que é contingente assume a forma de engano, descaminho, falta de racionalidade (LATOUR, 1994). Essa confiança e o otimismo dos índios na HQ quanto ao seu conhecimento de natureza é, diz Latour (2004), tipicamente moderna. Um saber que mesmo sendo situado neste espaço-tempo, age como se fosse a única concepção existente válida, apagando/esquecendo de “antigas verdades”.

Em uma pesquisa realizada por Braun (1999), a respeito de textos da época da ambientação dos colonos/colonizadores alemães no Rio Grande do Sul, temos um exemplo de como representações de natureza podem ser outras em diferentes momentos históricos, durante o processo de ocupação, práticas como o desmatamento eram consideradas proveitosas e necessárias sob o ponto de vista econômico, além de também embelezarem o local, que quando repleto de mata virgem era considerado horrendo e inóspito. Diante disto, podemos compreender que este enunciado de “uma natureza a ser protegida” trazido repetidamente nesta HQ, que considera como problemas ambientais o

⁴ Denominação dada pelos índios nestas HQs ao homem branco.

desmatamento, as queimadas, a caça de espécies nativas, e outros, nem sempre foi a “verdade”, mas os modernos apostam nesta maquinaria, de superação das antigas verdades pelas novas - que são consideradas como mais adequadas, por serem mais objetivas e racionais – para manter seu status quo (LATOURE, 2002). Isso traz consigo, neste sentido, a ideia de um tempo que passa em direção a um “progresso”. E essa ideia de revolução, segundo Latour, de um rompimento com um passado ultrapassado é uma ilusão moderna - a Natureza estaria no passado, já a Sociedade no futuro (GOMES, 2002).

Essa busca de superação das verdades antigas em nome das novas, também determina a visão dos modernos quanto “aos outros” – no caso o caçara -, os índios não se acham apenas mais racionais, mas também com um conhecimento do mundo qualitativamente melhor (LATOURE, 2002). Desta forma, nas HQ, o caçara é ignorante frente à sabedoria do índio que dispõe da verdade, uma ignorância que deve ser eliminada, tal como ocorre na história quando o caçara é lançado para longe em um estilingue humano, instruindo seus leitores não só a excluir quem não se enquadrar nesta “verdade ambiental”, mas que, sobretudo, essa ação é correta e verdadeira, desconsiderando que pessoas de culturas diferentes, de outros tempos e espaços podem possuir outros códigos culturais de significação para natureza. Assim, os princípios ecológicos que fundamentam esta “verdade” dos índios ambientalistas da HQ, obedecem a concepções dos produtores da MSP – de significados que circulam na cultura destes –, ou seja, discursos contingenciados, específicos e locais e não ecumênicos como dizem ser.

Para Latour (2004), os ambientalistas nada mais fazem do que tomar natureza e ciência como sinônimos, segundo ele, o movimento ecologista depende inteiramente da ciência para se tornarem visíveis. pois “a natureza torna-se reconhecível por intermédio das ciências; ela é formada através das redes de instrumentos; ela se define pela interpretação das profissões, de disciplinas, de protocolos; ela é distribuída em bases de dados; ela é argumentada por intermédio das sociedades de sábios (Ibidem, p. 14-15).

Movidos pelo desejo de dar a palavra àqueles que não têm voz (a natureza), os militantes ecológicos assim se proclamam seus porta-vozes. Contudo, falar em nome e no lugar dos outros, exige representar, visualizar, diagramar, mobilizar, explicar do que se fala, deste modo, é necessário paralisar a natureza para poder explicá-la, um argumento de caráter moderno (LATOURE, 1994). E é neste sentido que as HQs do Papa-Capim intervêm na construção da natureza, reduzindo-a a um estado de coisa estável, imutável,

manipulável e racional, extirpada de nossa cultura, algo exterior a nós (LATOURE, 2004).

Ao enfatizar que a sobrevivência do planeta dependerá de determinadas mudanças de atitudes, invoca um discurso científico-ambiental - que é de uso restrito de uns poucos grupos autorizados -, um discurso totalizador, a fim de reverter o tal “afastamento da natureza”, a tal “crise ambiental”, que é tida como maléfica, instituindo, assim, um caráter normalizador nessa asserção, que visa proceder a uma classificação, uma homogeneização das ações humanas. Mas como nos lembra Latour (2004), as crises ecológicas não são sobre a natureza, mas sim sobre o modo de fabricar a natureza, um objeto moderno. Estas propostas salvacionistas, de querer restaurar um antigo estado de equilíbrio, parece-nos tentar apagar a ideia de processo histórico que moldaram o homem até os dias de hoje. Assim, os modernos ignoram, ou fingem esquecer, que mesmo quando agredimos a natureza não deixamos de ser naturais e culturais.

ENSAIANDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Com este HQ apresentamos uma pequena discussão a respeito da naturalização do pensamento moderno quanto às representações de natureza nas historinhas. Tentamos demonstrar que as HQs do Papa-Capim representam-se a natureza por um viés moderno, desta forma, seus discursos estariam baseados na crença da transcendência da natureza, ou seja, existe uma natureza fora de nós, que não conta nem com nossas paixões nem com nosso desejo, os homens não a constroem, apenas desvendam seus segredos. Já a sociedade, esta seria imanente, os homens a constroem e tem domínio total sobre ela. Ao descobrir os segredos da natureza, a ciência - que se autoriza como a única que pode falar sobre esta - constrói e mobiliza constante a natureza (LATOURE, 1994).

Os discursos trazidos na historinha imprimem que podemos salvar o mundo das “crises ambientais” por intermédio dos sábios – Papa-Capim e seus amigos – que por viverem em perfeita harmonia com a natureza, seriam os portadores dos conhecimentos verdadeiros a respeito do assunto e por esse motivo poderiam iluminar a vida pública, ensinando-as aos pobres caixas ignorantes – e conseqüentemente os leitores - as atitudes que devem ser tomadas frente a natureza. Estes poucos experts seriam os únicos capazes de restabelecer ligações, fazer pontes entre os humanos e não humanos (natureza), uma estratégia evidentemente moderna, uma tentativa de sustentar a Ciência, o mundo moderno (LATOURE, 2004).

Neste sentido, interpelados pelos discursos da HQ, incorporamos valores, desejos e formas de agir que se dizem “adequados”, almejando sempre alcançar a sociedade ecologicamente correta. Contudo, o que vem sendo estabelecidos nestas como “adequados” são adequados para um grupo de pessoas - homens brancos, heterossexuais, de um segmento de classe média - que avalia o mundo por um posicionamento moderno, adquirido no âmbito das ciências naturais, de certezas assentadas em tendências que desqualificam e/ou hierarquizam outras culturas e seus respectivos conhecimentos como não desejáveis (LATOURET, 2002).

Desta forma, não são, nem de perto, universais. Começamos a vislumbrar, assim, que por trás da inocência, da fachada educacional, há um poder institucional que exerce enorme influência social e política que opera empregando uma normalização da cultura. Salientamos, todavia, que nossa intenção com essa discussão não é instituir um caráter negativo a MSP e nem propor devemos parar de ler seus quadrinhos, o que buscamos apresentar é apenas que não há inocência e nem nitidez entre as fronteiras de diversão, educação e comercialização. Esperamos ter contribuído para a discussão de que as pedagogias extrapolam as instâncias oficiais de ensino e que a representação de natureza está intrinsecamente relacionada ao contexto mercadológico.

REFERÊNCIAS

BRAUN, M.C. **Do vale das matas nativas ao vale do progresso**- um estudo sobre as representações de ambiente em comunidade de imigrantes alemães. Dissertação de mestrado. UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Educação, 1999.

DESCOLA, P. Animais, plantas, natureza: os direitos do meio ambiente. **Jornal La Repubblica**, Entrevista concedida a Marino Niola, 2011. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/46229-animais-plantas-natureza-os-direitos-do-meio-ambiente-entrevistacom-philippe-descola>>. Acesso em: 15 jul. de 2012.

GIROUX, Henry. Ensinando o cultural com a Disney. *In*: GIROUX, H. **Atos impuros**: a prática política dos Estudos Culturais. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 127-147.

GIROUX, Henry. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. *In*: SILVA, T. T. (Org.). **Alienígenas na Sala de Aula**: uma introdução aos Estudos Culturais em educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p. 132-158.

GOMES, M. B. **Anatomia do ruído**: estudos de cibercultura e complexidade, 2002. GRÜN, M. **Ética e educação ambiental**: a conexão necessária. 14 ed. Campinas: Papirus, 2011.

HALL, S. The Work of Representation. *In*: HALL, S.(Org.) **Representation**: Cultural representations and signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi:Sage/Open University, 1997.p. 1-74.

MALDONADO, M. M. C. **A Ordem do Discurso da Educação Ambiental**. dissertação de Mestrado PPGEdU UFRGS, 2000.

KINCHELOE, J. L. McDonald's, poder e criança: Ronald McDonald (também conhecido como Ray Kroc) faz tudo por você. *In*: STEINBERG, S.; KINCHELOE, J. **Cultura infantil**: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 385-412.

KINCHELOE, J. L. Redefinindo e Interpretando o Objeto de Estudo. *In*: KINCHELOE, J. L.; BERRY, K.S. **Pesquisa em Educação**: conceituando a bricolagem. Porto Alegre: Artmed, 2007. p.101-122.

LATOUR, B. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora.

SãoPaulo: Editora UNESP, 2000.

LATOUR, B. **Reflexão sobre o culto moderno dos Deuses Fe(i)tiches**. Bauru: Edusc, 2002.

LATOUR, B. **Jamais Fomos Modernos**: Ensaio de Antropologia Simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, , 1994.

LATOUR, B. **Políticas da natureza**: como fazer ciência na democracia. Bauru: EDUSC, 2004.

LYOTARD, J. F. **O pós-moderno explicado às crianças**. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

LIMA, B. P. Mauricio de Sousa faz parceria digital e investe R\$ 15 milhões. **Jornal o Estado de São Paulo - Estadão**, São Paulo, 29 mar. 2011. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/neg%C3%B3cios,mauricio-de-sousa-faz-parceria-digital-e-investe-r-15-milhoes,60627,0.htm>>. Acesso em: 08 de fev. de 2012.

NEIRA, M. G.; LIPPI, B. G. **Tecendo a Colcha de Retalhos**: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 607-625, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edreal/v37n2/15.pdf>>. Acesso em: 08 de fev. de 2012.

OLIVEIRA, M. A. A construção dos enunciados ambientais no currículo, na perspectiva da vontade de verdade. **Semina**, Londrina, v. 26, p. 71-86, set. 2005.

SAMPAIO, S. M. V.; WORTMANN, M. L. C. Ecoalfabetização: ensinando a ler a natureza. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v.2, n.2, p. 133-152, 2007.

SOUSA, M. Entrevista realizada por Fabio Maleronka Ferron e Georgia Nicolau. **Projeto Produção Cultural no Brasil**, São Paulo, 09 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.producaocultural.org.br/wp-content/uploads/livroremix/MauriciodeSousa.pdf>> Acesso em: 08 fev. 2012.

STEINBERG, S.; KINCHELOE, J. Sem segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. *In: Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 9-52.

WORTMANN, M. L. C. Natureza e literatura infanto-juvenil. *In: WORTMANN, M. L. C. (Org.). Ensaios em Estudos Culturais, Educação e ciência*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 187-204.

WORTMANN, M. L. C.; RIPOLL, D.; POSSAMAI, L. Educação ambiental corporativa para crianças: analisando a animação Peixonalta do Discovery Kids. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 30, n. 2, p. 371-394, maio/ago. 2012.

OBRA UTILIZADA DE EXEMPLO NA ANALISE

SOUSA, M. Papa-Capim: Estilingue. **Chico Bento**, n.62, p.32-33. São Paulo: Panini Comics, 2012.